

A alegria como antídoto às drogas

Ações de Prevenção
Visão obnubilada sobre o problema dos usuários de drogas
Anestesia do sofrimento
Drogas como alívio às agruras da vida
A escola como espaço de prevenção às drogas
Os professores não são só agentes de transmissão de saber
Alegria como elixir para as asperezas cotidianas

Luciane C. Stern

Ao longo dos anos, governo e sociedade vêm discutindo sobre o problema dos usuários de drogas. Bilhões de reais estão sendo gastos anualmente em tratamentos, em ações de prevenção, autoridade e cuidado, entretanto, apesar dos esforços, a situação continua alarmante.

Precárias condições de vida, miséria, privação de direitos básicos, exclusão, desemprego e lares desestabilizados, sem dúvida, são fatores significantes ao se pensar sobre uso das drogas. A pobreza e a desigualdade associadas ao descaso de nossos governantes frente a essas questões de falta de respeito e dignidade são de relevância, mas acreditar, como fazem muitos profissionais, que estes são os verdadeiros causadores do consumo de drogas, é ter uma visão obnubilada sobre o problema. Se assim fosse, como poderíamos explicar as drogas amplamente disseminadas nas classes mais abastadas?

Discutir sobre drogas é discutir sobre a constituição do sujeito, os caminhos que o sujeito trilhou, seu modo peculiar e singular de olhar o mundo ao seu redor, das experiências que teve e de como as decifrou. Enfim, o sujeito é resultado das vicissitudes da história de sua vida e da forma como lidou com elas. E por falar nisso, haja histórias de vidas...

A sociedade hoje vive sob o signo do prazer, do gozo e do amor. Acredita-se que a felicidade e o bem-estar pleno, deveriam ser inerentes ao estar vivo. O sujeito quer beber a vida em um trago e neste trago, ter todas as sensações que a vida pode lhe ofertar. Deseja evitar viver o vácuo que há em todo ser humano, pois isso dói e já não estamos mais acostumados a resistir à dor. Quer-se, dessa forma, a anestesia imediata para o sofrimento. Assim, as drogas se enquadram perfeitamente neste lugar, oferecendo formas de entorpecimento, alienação e alívio da dor de viver. Viver dói - e muito.

Sufrimento e prazer, eis aí uma díade difícil de o ser humano dar conta. E é nos relacionamentos interpessoais que essa díade magnifica seu poder, exacerba-se. A dificuldade de se fazer vínculos, de se manter relacionamentos estáveis, duradouros e prazerosos é uma das razões de maior sofrimento humano, de conflitos com potenciais dramáticos.



Há indivíduos que, ao se deparem com os obstáculos da vida, só sabem lidar com ela de um jeito letal. A dor evitada por vezes é tão avassaladora que o sujeito só dá conta da situação colocando em risco sua própria integridade física e mental. As drogas, por vezes, apresentam-se ao sujeito como aquela que oferece alívio às agruras da vida, entorpecendo-os. Muitos recorrem às drogas por achá-la legal, gostosa e divertida, fazendo-os esquecer as tristezas, as relações familiares conflitivas, agressivas e destrutivas. Só que o efeito passa, e o sujeito, sem ter outras formas de lidar com as situações da vida, faz novamente uso de drogas estabelecendo um ciclo. Tratando a droga como se fosse liberdade, o sujeito fica preso às ilusões.

É em nosso mundo real que devemos buscar a transformação de que necessitamos para dar cabo a alguns de nossos sofrimentos. Seria bastante profícuo para o sujeito conseguir transformar sua infelicidade, positivando-a, ou seja, interessando-se pela vida e pelas coisas da vida, com possibilidades de alterá-las. Necessita-se, porém, de esforços e engajamento nesta tarefa. Mas será que as pessoas sabem que prazer e alegria também dependem de esforços pessoais, de comprometimentos do sujeito nesta tarefa? Que não é algo apenas relativo à sorte ou a um destino particular? Será que também não podemos transmitir esse conhecimento? Se a família não fornece ao sujeito este saber - o de que podemos ser agentes transformadores da realidade em que vivemos - poderia a escola, grande formadora de sujeitos e de laços sociais fornecer?

Tentando simplificar um fenômeno bem complexo, proponho olhar uma de suas vias, ou seja, a escola servindo como um espaço de prevenção ao consumo de substâncias psicoativas. Ampliando a sua abrangência, a escola pode servir como um local não apenas transmissor de conhecimento acadêmico - da lógica da matemática, das novas normas ortográficas ou mesmo das novas tecnologias -, mas também, de transformação da realidade em que vivemos, responsabilizando cada um por tal empreendimento. Inegavelmente, podemos construir um mundo melhor com as crianças e os adolescentes participando ativamente deste processo. A escola é capaz de engajar seus alunos em várias atividades nas quais encontrarão prazer, alegria, contentamento em seu interior e nas atividades propostas. Isso seria muito instigante, já que os estudantes passam muitas horas de seus dias dentro dos muros da escola!

A alegria, diferentemente do que muitos pensam, pode ser buscada, ou mesmo oferecida. Sabemos que a alegria funciona como elixir contra as asperezas do dia a dia. A alegria é o fermento da vida, que nos prepara para enfrentar os tormentos. Um sentimento que faz a função, inclusive, de um alucinógeno.

Nesse sentido, é importante que a escola, então, apresente-se para certas crianças como um oásis frente ao deserto de suas vidas. Que as relações interpessoais estejam mais em foco e tratadas com a dignidade que todo ser humano merece. Que se promovam ações de cidadania, de respeito à singularidade de cada um, de cuidado e de atenção. E que o “bullying” não seja ignorado. Afinal, pertencer e ser acolhido é o que todo ser humano deseja.

Aos professores, cabe reconhecer que eles não são apenas agentes de transmissão de conhecimento, mas também objetos de identificação para seus alunos. Por vezes, o principal instrumento de trabalho do professor não é seu conhecimento e sua transmissão, mas sua afetividade que se revela à sua revelia, nas suas mínimas ações diárias. Aprendemos mais facilmente quando temos algum tipo de relação afetiva com o mestre, seja de amor, seja de ódio e encontramos dificuldades quando nossa relação com o mestre nos causa indiferença, não tendo impacto algum, sendo uma relação esvaziada. Todos nós, estudantes e ex-estudantes, temos essas experiências para contar. Se não temos nossas próprias, já as ouvimos diversas, de alunos que tiram notas altas como forma de afrontar um professor que detestam- a alunos que tiraram nota boa como estratégia para agradar um professor de que gostam e admiram.

Sabemos o quanto é difícil para a escola acolher as diversas formas de sofrimento e estilos de vida, e ainda assim agir profilaticamente. Não há um método de eficácia que dê conta de tudo, mas será que não daria para colocar no cardápio das escolas públicas e privadas não só a merenda escolar, mas o bolo do mês? Que se cantassem “Parabéns Para Você” para esses jovens,



já que muitos chegam à vida adulta sem nunca terem tido o prazer de ver sua data de nascimento valorizada. Eles teriam o privilégio de uma vez por ano receber um olhar especial, particularizado, de importância, que tanto mata a fome. Medidas que não custam tantos bilhões de reais. O teatro indo à escola também é legal. Gera expectativa boa e gostosa, de que algo de bom acontecerá. A risada, aliás, liberará certos psicoativos benéficos ao corpo, como a endorfina, que tanto bem faz. Reciclar o lixo,

transformar algo que já nos é inútil em algo reaproveitável, é uma experiência que podemos ressignificar na vida. Pois, também, podemos reciclar o lixo de nossa história.

Enfim, passar algumas horas num ambiente que pode ser inovador e estimulante para crianças e adolescentes é crucial. A inserção em um espaço no qual se fazem transformações, criam-se novas químicas para viver e que a química da alegria não raro possa ser a tônica e atuar como uma referência, um registro, marcado em sua psiquê, para que o sujeito possa acioná-la quando a dor da vida bater à sua porta, utilizando-as como um antídoto às drogas.

Acredito na criatividade dos que comandam os estabelecimentos escolares, como também na do nosso governo, e torço para que eles inventem, reinventem, tenham atividades transformadoras e transmitam alegrias e formas de prazer para nossos jovens. E que estes também se alistem neste percurso, engajem-se com o saber adquirido e mantenham distância de formas alienantes de satisfação.

*Imagens da internet